

JULIE BUxbaUM

Autora Bestseller do New York Times

O PROJETO Acidente

ELA TEM UMA PERGUNTA.
ELE PODE SER A RESPOSTA!



TOP
SEL
LER

#BLISS

«Uma história doce, divertida e profundamente
comvente... tudo ao mesmo tempo!»

NICOLA YOON, autora n.º 1 do New York Times

*Para Josh, o presidente da minha primeira tribo.
Sinto-me tão feliz por me teres deixado manter a filiação vitalícia.*

Amo-te.

*E para Indy, Elili e Luca: o meu coração,
a minha razão, a minha casa, a minha tribo, a minha vida.*

O livro do amor é interminável e aborrecido.
Ninguém o consegue levantar.

THE MAGNETIC FIELDS

David

UM ACONTECIMENTO NUNCA visto: a Kit Lowell sentou-se ao meu lado na cantina da escola. Costumo ficar sempre sozinho, e quando digo sempre, não estou a recorrer ao vernáculo exagerado tão apreciado pelos meus colegas de turma. Frequento esta escola secundária há 622 dias, e nem uma única pessoa se sentou ao meu lado durante a hora de almoço, e é precisamente isso que justifica apelidar de «acontecimento» o facto de ela se ter sentado aqui — tão perto que o cotovelo dela quase toca no meu. O meu primeiro instinto é alcançar o caderno de apontamentos e ler a entrada que lhe é dedicada. Sob a letra *K* para Kit, não sob a letra *L* de Lowell, porque, embora eu seja perito em factos e em atividades académicas, sou péssimo com nomes. Isso acontece em parte porque os nomes são palavras aleatórias, completamente desprovidas de contexto, e em parte porque acredito que os nomes raramente se adaptam à pessoa a que pertencem, o que, se pensarem um pouco sobre o assunto, faz todo o sentido. Os pais escolhem o nome para os filhos na altura em que menos sabem acerca da pessoa que estão a batizar. Não tem a menor lógica.

Pensem na Kit, por exemplo. *Kit*, que nem sequer é o nome dela. Na verdade, chama-se Katherine, mas nunca ouvi ninguém tratá-la por *Katherine*, nem mesmo na escola primária. A Kit não se parece nada com uma Kit, um nome mais apropriado para uma pessoa quadrada e rígida e que facilmente se entende através de instruções passo a passo. Em vez disso, o nome da rapariga sentada ao meu lado devia começar por um *Z*, porque ela é desconcertante

e ziguezagueante e surge nos locais mais inesperados — como é o caso da mesa onde estou a almoçar —, e talvez devesse conter o número oito, porque o seu corpo tem a forma de uma ampulheta, e a letra S também, porque é a minha preferida. Gosto da Kit porque nunca me tratou mal, ao contrário da maioria dos meus colegas de turma. É uma pena os pais terem-lhe dado o nome errado.

Eu sou um David, o que também não resulta muito bem, porque existem muitos Davids neste mundo — da última vez que verifiquei, eram 3 786 417, e só nos Estados Unidos —, e, por causa do meu primeiro nome, seria possível presumir que eu seria como muitas outras pessoas. Ou, no mínimo, relativamente neurotípico, que é uma forma científica, e menos ofensiva, de dizer «normal». Não tem sido o caso. Na escola, ninguém me chama nada, com exceção do ocasional *maricas* ou *atrasado mental*, e nenhum dos termos está sequer correto — o meu QI é de 168 e sinto-me atraído por raparigas, não por rapazes. Para além disso, *maricas* é uma designação pejorativa para uma pessoa homossexual, e ainda que os meus colegas estejam enganados quanto à minha orientação sexual, não deviam usar essa palavra. Em casa, a minha mãe chama-me filho — palavra que não me suscita o menor problema, porque é verdadeira —, o meu pai trata-me por David, o que mais parece uma daquelas camisolas que fazem comichão e têm a gola demasiado apertada, e a minha irmã chama-me Pequeno D, nome que, por uma inexplicável razão, me assenta que nem uma luva, embora eu não seja de forma alguma pequeno. Meço 1,88 metros e peso 74 quilos. A minha irmã tem 1,60 metros e pesa 47 quilos. Devia tratá-la por Pequena L, de «Pequena Lauren», mas não o faço. Trato-a por Miney, o nome que lhe associo desde que era bebé, pois sempre me pareceu que ela era a única coisa que me pertencia de verdade neste mundo confuso.

A Miney está na universidade, e eu sinto a falta dela. É a minha melhor amiga e, se quiser ser sincero, terei de dizer que é a minha única amiga. Ainda assim, sinto que, se tivesse mais amigos,

ela não deixaria de ser a melhor. Até ao momento, ela foi a única pessoa que me ajudou a ser menos difícil.

Por esta altura já devem ter percebido que sou um rapaz diferente. As pessoas não demoram muito tempo a percebê-lo. Um médico achou que eu podia ter sintomas leves da Síndrome de Asperger, o que é estúpido, porque não se pode ter sintomas leves de Asperger. Aliás, já nem se pode ter Asperger, uma vez que a doença foi retirada do DSM-5¹ em 2013, e as pessoas com esse grupo de características passaram a ser consideradas autistas altamente funcionais, o que também é enganador. O espectro do autismo é multidimensional, e não linear. O médico era, obviamente, um idiota.

Por curiosidade, fiz alguma pesquisa nesta área (comprei um DSM-4 usado no *eBay*; o 5 era muito dispendioso) e, embora não possua o necessário treino médico para realizar um diagnóstico, não acredito que o rótulo se aplique à minha pessoa.

Sim, sou capaz de me meter em apuros quando me encontro em situações sociais; aprecio a ordem e a rotina; quando estou interessado em alguma coisa, concentro-me demasiado ao ponto de excluir tudo o resto; e, pronto, está bem, sou desastrado. Mas quando tenho mesmo de o fazer, sou capaz de estabelecer contacto visual. Não me encolho se me tocarem. Sou capaz de reconhecer a maioria dos idiomas, embora mantenha uma lista no meu caderno de apontamentos, pelo sim pelo não. Gosto de pensar que sou compreensivo, mas não sei se é verdade.

Seja como for, não sei se importa muito saber se tenho Asperger ou não, principalmente porque já não existe. Não passa de mais um rótulo. Tomemos como exemplo a palavra *atleta*. Se os psiquiatras quisessem, podiam adicioná-la ao DSM e diagnosticar todos

¹ *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* — DSM; é o Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais, usado pela Associação Americana de Psiquiatria para definir de que forma é feito o diagnóstico de perturbações mentais. [N. da T.]

os tipos da equipa de futebol americano da escola de Mapleview. As características incluiriam pelo menos duas das seguintes: (1) tendências atléticas, principalmente quando se usa elastano, (2) um à-vontade pouco natural com o conceito de atar uma coqui-lha em redor do pénis, (3) ser um idiota. Pouco me importa que me chamem Aspie ou anormal ou até atrasado mental. A verdade é que gostava de ser mais como toda a gente. Não necessariamente como os atletas. Não quero ser o tipo de rapaz que faz a vida negra a miúdos como eu. Porém, se tivesse a possibilidade de fazer uma espécie de *upgrade* cósmico — mudar o David 1.0 para uma versão 2.0 que soubesse o que dizer numa conversa casual —, não hesitaria nem um segundo.

É possível que, ao dar nome aos filhos, os pais o façam de uma perspetiva esperançosa. Como acontece quando vamos a um restaurante e pedimos um bife raro, e embora não exista uma definição universal da palavra *raro*, esperamos que nos sirvam exatamente aquilo que desejamos.

A minha mãe e o meu pai pediram um David. O que receberam fui eu.

No meu caderno de apontamentos:

KIT LOWELL: Altura: 162 cm. Peso: Aproximadamente, 56 kg. Cabelo castanho-ondulado; apanhado num rabo de cavalo nos dias dos testes, nos dias de chuva e quase todas as segundas-feiras. A pele é acastanhada, porque o pai – dentista – é branco e a mãe é indiana (Sudeste Asiático). Atividades: Jornal da Escola, Clube de Espanhol, Clube de Dinamismo Escolar.

Encontros Dignos de Nota

1. Terceiro ano: impediu o Justin Cho de me puxar as cuecas.
2. Sexto ano: fez-me um cartão para o Dia dos Namorados. (Nota: a Kl fez cartões do Dia dos Namorados para todos os rapazes, não

- apenas para mim. Ainda assim, foi simpático. Exceto a parte dos brilhos. Porque os brilhos são irreprimíveis e têm propriedades pegajosas, e eu não aprecio coisas pegajosas.)
3. Oitavo ano: depois da aula de Matemática, ela perguntou-me a nota do teste. Eu disse: «100 %.» Ela disse: «Nau, debes ter estudado muito.» Eu disse: «Não, as equações de segundo grau são fáceis.» Ela disse: «Hum, OK.» (Mais tarde, quando repeti a conversa para a Miney, ela disse-me que eu devia ter respondido que tinha estudado, ainda que fosse mentira. Não sou muito bom a mentir.)
 4. Décimo ano: a Kit sorriu para mim quando os nossos nomes foram anunciados no altifalante como semifinalistas de Mérito Nacional. Eu preparava-me para dizer «Parabéns», mas o Justin Cho disse «Boa!» primeiro e deu um abraço à Kit. E depois ela já não estava a olhar para mim.

Caraterísticas Importantes

1. Em dias frios, em vez de usar luvas, ela estica as mangas de modo a tapar as mãos.
2. O cabelo dela não é frisado, mas também não é liso. Cai como que em vórgulas repetidas e alternadas.
3. Ela é a rapariga mais gira da escola.
4. A Kit senta-se de pernas cruzadas sob o corpo em quase todas as cadeiras, até nas mais estreitas.
5. Tem uma cicatriz quase impercetível ao lado da sobrancelha esquerda e que se assemelha a um Z. Certa vez perguntei à Miney se achava que eu alguma vez iria tocar nessa cicatriz, porque tenho curiosidade em saber como é, e a Miney respondeu: «Lamento, Pequeno D. Mas eu acho que não.»
6. Conduz um Toyota Corolla vermelho, com a matrícula XHD893.

Amigos

Quase toda a gente, mas costuma andar quase sempre com a Annie, a Violet, e às vezes com a Dylan (a Kapariga Dylan, não o Kapaz Dylan). Características comuns do grupo de amigas, com exceção da Kit, incluem: cabelo liso, alguma acne e seios maiores do que a média. O ano passado, durante cinco dias, a Kit passeou pelos corredores da escola de mão dada com o Gabriel, parando ocasionalmente para se beijarem, mas agora já deixaram de o fazer. Não gosto do Gabriel.

Notas adicionais: Fixe. A Miney coloca-a na Lista de Pessoas de Confiança. Concorde.

Claro que não abro o caderno de apontamentos diante dela. Até eu sei que não devo fazê-lo. Mas, ainda assim, toco na lombada, porque tê-lo perto de mim deixa-me um pouco menos ansioso. O caderno foi ideia da Miney. Quando andava na escola preparatória, depois do Incidente no Balneário, irrelevante para esta discussão, a Miney decidiu que eu era demasiado crédulo. Pelos vistos, ao contrário de mim, quando a maioria das pessoas fala não está necessariamente a dizer a verdade. Vejam, por exemplo, o caso da Mentira do Teste de Matemática sugerida antes. Porquê mentir sobre se estudei ou não para um teste? É ridículo. As equações de segundo grau são fáceis. É um facto.

— Então o teu pai morreu — digo, porque é a primeira coisa que me ocorre quando ela se senta. É informação nova que ainda não acrescentei ao caderno de apontamentos porque acabei de descobrir. Habitualmente, sou o último a saber coisas sobre os meus colegas de turma, isso quando chego a saber de alguma coisa. Contudo, esta manhã, a Annie e a Violet estavam a falar sobre a Kit junto ao cacifo da Violet, que fica mesmo por cima do meu. Segundo a Annie, «a Kit tem estado, tipo, em frangalhos desde o

episódio do pai, e sei que tem sido difícil e assim, mas ela tem-nos tratado, não sei, de forma mazinha». Não costumo escutar as conversas dos outros colegas — muito do que têm para dizer é aborrecido e soa como uma péssima música de fundo, qualquer coisa metálica e desagradável, *heavy metal*, talvez —, mas, por uma qualquer razão, isto ficou-me na cabeça. Depois começaram a falar do funeral, e de como tinha sido estranho que elas tivessem chorado mais do que a Kit, que não era saudável para ela guardar tudo lá dentro, o que é uma coisa ridícula de se dizer porque os sentimentos não têm massa e, para além disso, elas não são médicas.

Gostaria de ter ido ao funeral do pai da Kit, mais não fosse porque ele também fazia parte da minha Lista de Pessoas Simpáticas, e presumo que, quando uma pessoa da nossa Lista de Pessoas Simpáticas morre, devemos ir ao seu funeral. O pai da Kit, o Dr. Lowell, é — era — o meu dentista, e nunca se queixou de que os auriculares, que uso para abafar o ruído, interferissem com o seu trabalho. Dava-me sempre um chupa-chupa vermelho após uma limpeza dentária, o que parece um contrassenso, mas mesmo assim nunca o recusei.

Olho para a Kit. Ela não parece estar em frangalhos — na verdade, parece até estar mais arranjada do que é habitual e veste uma camisa branca que aparenta ter sido engomada recentemente. Tem as bochechas rosadas, e os olhos um pouco húmidos, e eu tenho de desviar o olhar porque ela é extraordinariamente bela e, por isso, torna-se difícil olhar para ela.

— Gostava que alguém me tivesse dito, porque teria ido ao funeral. Ele costumava dar-me chupa-chupas — revelo. A Kit fita-me, mas não responde. Eu encaro o silêncio como um incentivo para continuar a falar. — Não acredito na existência do céu. Nisso estou com o Richard Dawkins. Acho que é uma coisa que as pessoas dizem a si próprias para tornar a perentoriedade da morte menos assustadora. A existência de anjos e nuvens brancas parece-me altamente improvável. Acreditas no céu? — inquirio. A Kit dá uma dentada na sua sanduíche. — Duvido, porque és uma pessoa inteligente.

— Sem ofensa, mas importavas-te que não conversássemos? — pergunta. Tenho quase a certeza de que se trata de uma pergunta retórica, mas ainda assim respondo. A Miney acrescentou a expressão *sem ofensa* à Lista de Coisas Com as Quais Ter Cuidado. Pelos vistos, o dito é seguido por coisas menos boas.

— Até preferia, para te ser franco. Mas gostava de dizer uma última coisa: o teu pai não devia ter morrido. Foi muito injusto.

A Kit faz que sim com a cabeça, e as vírgulas do seu cabelo agitam-se.

— Iup — diz ela. E depois comemos o resto das nossas sanduíches (a minha com manteiga de amendoim e compota, uma vez que é segunda-feira) em silêncio.

Mas um silêncio bom.

Penso eu.

Kit

NÃO SEI MUITO bem o que me levou a ignorar a Annie e a Violet à hora do almoço. Sinto os olhos delas colados em mim quando passo pela nossa mesa habitual, situada mesmo à frente; o local perfeito, pois permite-nos ver *toda* a gente na cantina. Almoço sempre com elas. Sempre. Somos as melhores amigas — uma equipa de três, desde a escola preparatória — e apercebo-me de que estou a fazer uma espécie de declaração importante ao nem sequer lhes acenar. Percebi assim que entrei e que as vi sentadas juntas a conversar e a rir e a comportarem-se de forma normal, como se nada tivesse mudado — e, sim, eu sei que nada *mudou* para elas, que as suas famílias não estão nem mais nem menos disfuncionais desde que a minha vida implodiu —, que não o podia fazer. Não podia sentar-me, desembrulhar a sanduíche de peru e agir como se fosse a mesma Kit. Aquela que faria uma piada autodepreciativa sobre a sua própria camisa, que estou a usar num estranho tributo ao meu pai, uma parva tentativa de me sentir mais perto dele, embora me faça sentir ainda mais marginalizada e mais confusa com toda a situação do que estava antes de a vestir. O tipo de lembrança de que não necessito. Como se fosse capaz de esquecer, nem que fosse por um minuto.

Sinto-me estúpida. Será isso que a dor provoca? É como se andasse pela escola com um capacete de astronauta. Uma cúpula de entorpecimento tão impenetrável quanto o vidro. Ninguém aqui compreende aquilo por que estou a passar. E como poderiam fazê-lo? Nem eu própria entendo.

De alguma forma, pareceu-me mais seguro sentar-me aqui, ao fundo, longe das minhas amigas, que obviamente já avançaram para assuntos mais importantes, como saber se as novas calças de ganga com a cintura subida fazem as coxas da Violet parecer mais gordas, e longe de todas as outras pessoas que me abordaram no corredor nas últimas duas semanas com aquela falsa expressão de preocupação e disseram: «Kit, lamento, tipo, tanto, mas tanto o que aconteceu ao teu paaaai.» Toda a gente parece alongar a palavra *pai*, como se tivessem medo de chegar ao fim dessa primeira frase, de experienciar a queda-livre coloquial do que dizer em seguida. A minha mãe defende que não nos compete fazer com que as outras pessoas se sintam confortáveis — *Isto tem que ver connosco, não com elas*, disse-me antes do funeral —, mas a maneira dela de agir, que consiste em chorar e em abraçar estranhos solidários, não é a minha. Ainda não percebi qual é a minha forma de lidar com isto.

Na verdade, começo a dar-me conta de que não existe maneira de o fazer.

Uma coisa é certa: não vou chorar, isso parece-me demasiado fácil, demasiado indiferente. Chorei por causa de más notas e por ficar de castigo e, certa vez, de forma embaraçosa, por causa de um péssimo corte de cabelo. (Em minha defesa, devo dizer que aquela franja demorou três longos anos a crescer.) Isto? Isto é demasiado avassalador para lágrimas idiotas de lamento e demasiado grande para o que quer que seja.

As lágrimas seriam um privilégio.

Sentar-me ao lado do David Drucker pareceu-me a melhor opção, uma vez que ele é tão calado que uma pessoa chega a esquecer-se de que ele está presente. É um rapaz estranho — senta-se com o seu caderno e faz elaborados desenhos de peixes — e, quando decide falar, olha para a nossa boca como se tivéssemos qualquer coisa nos dentes. Não me entendam mal: eu sinto-me acanhada e desconfortável grande parte das vezes, mas aprendi

a disfarçar. O David, por seu lado, parece ter desistido por completo de tentar agir como toda a gente.

Nunca o vi numa festa ou num jogo de futebol ou naquelas atividades para *nerds* que têm lugar depois das aulas e de que ele seria capaz de gostar, como o Clube de Matemática ou de Codificação. Para que se saiba, sou grande fã de atividades para *nerds*, pois ficarei muito bem na minha candidatura à universidade, embora eu prefira coisas mais literárias e, por isso, um pouco mais fixes. A verdade é que eu também sou uma *nerd*.

Quem sabe? Talvez ele esteja a par de alguma coisa ao deixar-nos a todos de fora. Não é uma má estratégia de sobrevivência ao secundário. Aparecer todos os dias nas aulas, fazer os trabalhos de casa, agitar aqueles enormes auscultadores que abafam o ruído — e, basicamente, esperar que o secundário termine.

Posso ser um pouco desajeitada, e às vezes um pouco desesperada para que gostem de mim — mas, até toda esta questão com o meu pai, nunca fui uma pessoa silenciosa. É estranho sentar-me a uma mesa com apenas uma pessoa e desejar bloquear o barulho da cantina. É o total oposto da minha anterior estratégia de sobrevivência, que consistia em saltar de cabeça para o meio da barafunda.

Estranhamente, o David tem uma irmã mais velha, a Lauren, que, até terminar o secundário, o ano passado, era a rapariga mais popular da escola. O contrário do irmão em todos os sentidos. Foi presidente da turma e rainha do Baile de Finalistas. (Não sei como, mas, no seu modo *hipster* irónico, conseguiu que uma coisa tão clichê parecesse fixe.) Namorou com o Peter Malvern, pelo qual todas as raparigas, incluindo eu, tinham um fraquinho porque tocava baixo e exibia o tipo de barba que a maioria dos rapazes da nossa idade ainda não possuem. A Lauren Drucker é uma lenda viva — inteligente, fixe e atraente — e se eu pudesse reencarnar como outra pessoa, começar este espetáculo de novo e ser uma rapariga diferente, escolheria ser ela, embora nunca nos tenhamos

conhecido. Não tenho a menor dúvida de que ela ficaria deslumbrante de franja.

Tenho a certeza de que se não fosse pela Lauren, e pela ameaça implícita de que ela destruiria qualquer pessoa que fizesse pouco do seu irmão mais novo, o David teria sido comido vivo em Mapleview. Em vez disso, os miúdos deixaram-no em paz. E ele passa todo o tempo sozinho.

Espero não ser indelicada quando lhe digo que não me apetece conversar; felizmente, ele não parece ofendido. O David pode ser estranho, mas o mundo já é merdoso o suficiente sem as pessoas serem merdosas umas para as outras, e ele tem uma certa razão no que diz respeito à ideia do Céu. Não que eu tenha a menor vontade de conversar com o David Drucker sobre o que sucedeu ao meu pai — não me ocorre nenhum outro tema que menos me apetecesse abordar, exceto talvez a dimensão das coxas da Violet; *quem quer saber das suas estúpidas calças de ganga?* —, mas até concordo com ele. O Céu é como o Pai Natal, uma história para enganar as crianças mais ingénuas. No funeral, quatro pessoas tiveram a lata de me dizer que o meu pai estava num *lugar melhor*, como se estar debaixo de terra fosse como ir de férias para as Caraíbas. Os piores de todos foram os colegas do meu pai, que se atreveram a dizer que *ele era demasiado bom para este mundo*. O que, se pensarem um pouco, nem sequer faz o menor sentido. Isso significa que só as pessoas más podem viver? É por isso que continuo aqui?

O meu pai era a melhor pessoa que conheci, mas não, não era *demasiado bom* para este mundo. Não está num *lugar melhor*. E nem por sombras acredito que *tudo acontece por uma razão*, que foi o *plano de Deus*, que *tinha chegado a sua hora*, como se tivesse um encontro ao qual não pudesse faltar.

Não. Não acredito em nada disso. Todos sabemos a verdade. O meu pai tramou-se.

Às tantas, o David volta a colocar os auscultadores e tira da mochila um livro enorme com as palavras *Manual de Diagnóstico*

e *Estatística das Perturbações Mentais IV* escritas na lombada. Frequentamos as mesmas aulas, por isso sei que não se trata de nenhuma leitura para a escola. Se ele quer passar o seu tempo livre a estudar «perturbações mentais», ainda bem para ele, mas penso em sugerir-lhe que arranje um *iPad* ou qualquer coisa parecida, para ninguém ver o que lê. É óbvio que a sua estratégia de sobrevivência devia incluir a regra mais importante de Mapleview: não hastear muito alto a bandeira da esquisitice. É melhor manter a extravagância bem escondida, discreta, talvez sob o metafórico capacete de astronauta. Essa pode ser a única maneira de sair daqui vivo.

Passo o resto do almoço a mastigar a minha triste sanduíche. O meu telemóvel apita de vez em quando a alertar para a chegada de mensagens de texto enviadas pelas minhas amigas, mas tento não olhar para a mesa onde elas estão sentadas.

Violet: Fizemos alguma coisa que te ofendesse? O que fazes aí sentada?

Annie: Mas que raio!!?!?!?

Violet: Ao menos responde. Diz-nos o que se passa.

Annie: K! Terra chama K!

Violet: Sê sincera: sim ou não a estas calças?

Quando temos duas melhores amigas, alguém está sempre zangada com alguém. Hoje, ao não responder às mensagens, estou basicamente a voluntariar-me para ser a que está zangada. Não sei como explicar-lhes que hoje não posso sentar-me com elas. Que sentar-me na mesa delas, ali à frente de toda a gente na cantina, e conversar sobre coisas sem importância me parece uma traição. Pondero dar o meu veredito sobre as calças da Violet, mas a morte do meu pai teve o infeliz efeito secundário de retirar o filtro. Não preciso de lhe dizer que, embora as coxas estejam bem, a cintura subida faz com que pareça inchada e com prisão de ventre.

A minha mãe recusou-se a deixar-me faltar hoje às aulas, embora eu tenha implorado para ficar em casa. Não queria ter de entrar na cantina, não queria passar de uma aula para outra sempre a preparar-me para mais uma sucessão de conversas desconfortáveis. A verdade é que as pessoas têm sido genuinamente simpáticas. E até mesmo sinceras, o que quase nunca acontece neste lugar. Não é culpa delas que tudo — *o secundário* —, de súbito, pareça incrivelmente estúpido e sem sentido.

Quando acordei esta manhã, não senti a ditosa amnésia de 30 segundos que me tem acompanhado nestes últimos tempos, aquele meio minuto em que a minha mente parece vazia e não torturada. Em vez disso, abri os olhos e senti uma raiva enorme. Já passou um mês desde o acidente. Trinta dias impossíveis. Para ser franca, os meus amigos nunca teriam conseguido agradecer-me: ainda que tivessem dito uma coisa simpática do género: «Kit, sei que faz hoje um mês que o teu pai morreu, e deve ser um dia bastante difícil para ti», eu teria ficado irritada, porque o mais provável teria sido desfazer-me em lágrimas, e a escola não é o lugar onde quero estar quando isso inevitavelmente acontecer. Por outro lado, tenho a certeza de que a Annie e a Violet não disseram nada porque se esqueceram por completo. Estavam todas tagarelas, a beber os seus *lattes* do Starbucks, a revelar que rapaz esperavam que as convidasse para o baile, presumindo que eu estava de mau humor por ser segunda-feira. Esperavam que eu participasse na conversa.

Eu já devia ter recuperado.

Não devia andar deprimida e com a camisa velha do meu pai vestida.

Faz hoje um mês.

É tão estranho que, de todas as pessoas, o David Drucker tenha sido o único a dizer a coisa certa: *O teu pai não devia ter morrido. Foi muito injusto.*

— Há duas semanas que regressaste à escola — argumentou a minha mãe ao pequeno-almoço, depois de eu ter feito uma última

súplica para faltar às aulas. — O penso rápido já foi arrancado. — Mas eu não tenho um único penso rápido. Preferia ter dois olhos negros, ossos partidos, hemorragias internas, cicatrizes visíveis. Talvez nem sequer estar aqui. Ao invés: não tenho um único arranhão. O pior tipo de milagre.

— Vais trabalhar? — indaguei, porque imaginei que, se eu estava com dificuldade em enfrentar a escola, também devia ser custoso para ela vestir as suas roupas de trabalho, calçar os sapatos de salto alto e conduzir até à estação de comboios. Claro que a minha mãe tinha consciência do significado da data. Ao início, assim que chegámos a casa vindas do hospital, ela não parava de chorar, e eu era a que se mantinha de olhos secos e entorpecida. Nos primeiros dias, enquanto ela chorava, eu ficava sentada em silêncio com os joelhos puxados até ao peito, o meu corpo assolado por arrepios apesar das várias camadas de roupa. Um mês depois continuo sem conseguir aquecer.

Todavia, a minha mãe parece estar a recuperar e a transformar-se numa pessoa que reconheço. Nunca o diriam se a vissem aos fins de semana, altura em que usa umas calças de yoga, ténis e o cabelo apanhado num rabo de cavalo, ou pelo aspeto que tinha logo após o acidente, destroçada e pálida, mas no trabalho a minha mãe é uma chefe dura. É a diretora-geral de uma agência de publicidade online chamada Disruptive Communications. Às vezes escuto-a gritar com os empregados e usar o tipo de palavras que a mim me deixariam de castigo. Ocasionalmente, a fotografia dela aparece na capa das revistas da especialidade com títulos como «O Futuro Mutável dos Meios de Comunicação Virais». Foi ela quem coordenou aquele vídeo com os cães e os gatos que cantam e que já tem 16 milhões de visualizações e o anúncio aos cereais com os pais *gays* e multirraciais. Antes da viuvez, ela era uma durona.

— Claro que vou trabalhar. Porque não haveria de ir? — perguntou a minha mãe. Depois, pegou na minha tigela dos cereais,

embora eu ainda não tivesse terminado, e colocou-a no lava-loiça com tanta força que se partiu.

Poucos minutos depois, saiu, vestindo o seu «uniforme de trabalho»: uma camisola preta de caxemira, saia travada e sapatos com salto de agulha. Ainda pensei em tirar os cacos do lava-loiça. Talvez deixando acidentalmente-de-propósito que um deles me cortasse. Só um pouco. Estava curiosa em perceber se sentiria alguma coisa. Mas depois apercebi-me de que, apesar da minha nova fase pós-morte-do-pai-que-impregna-todas-as-pequenas-coisas-de-grande-significado, como levar esta camisa de homem para a escola, isso era demasiado metafórico. Até para mim. Por isso deixei os cacos onde estavam para que a minha mãe os deitasse fora quando viesse do trabalho.

David

DEPOIS DO ALMOÇO, na companhia da Kit Lowell, tiro os auscultadores. Habitualmente, mantenho-os postos entre as aulas, para abafar o ruído ambiente dos corredores. Aquele tagarelar e o movimento constante fazem-me sentir inquieto e distraído e aumentam as probabilidades de tropeçar. A distância mais curta entre dois pontos é uma linha reta, e mesmo assim os rapazes da escola precipitam-se de um lado para o outro numa atitude agressiva. Dão murros nas costas uns dos outros, placam pescoços com sorrisos nos rostos, cumprimentam-se com violência. O que os leva a querer tocar constantemente uns nos outros? Embora as raparigas não zigzeguem tanto como os rapazes, também avançam e param, sem razão aparente, abraçando-se de vez em quando, apesar de se terem visto na aula anterior.

Fico discretamente à escuta, pois tenho curiosidade de saber se alguém está a falar sobre o pai da Kit. Há três semanas e quatro dias, coloquei o nome dele no *Google* e descarreguei o obituário, que se encontrava no *Daily Courier*, secção A16. Era composto por três frases simples e, embora tenha apreciado a sua concisão, deixava de fora alguns pormenores relevantes, como é o caso dos chupa-chupas e o facto de ser uma pessoa simpática.

Robert Lowell faleceu na sexta-feira, 15 de janeiro, num acidente de viação. Nasceu no dia 21 de setembro de 1971, em Princeton, Nova Jérсия, e exercia ortodontia em Mapleview há 12 anos. Deixa esposa, Mandip, e filha, Katherine.

Factos recolhidos até agora após uma busca rápida: (1) O pai da Kit chamava-se Robert, o que faz sentido de alguma forma, pois trata-se de uma palavra familiar com um número par de letras. Sempre pensei nele como dentista, o que, agora que discorro sobre o assunto, era bastante restritivo. (2) O pai da Kit morreu num acidente de viação, o que é um emprego errado do nome, pois na grande maioria dos acidentes de carro as pessoas não morrem no veículo, mas depois, na ambulância ou no hospital. Terei de descobrir mais pormenores.

Ao percorrer o corredor, vejo o Gabriel.

*GABRIEL FORSYTH: Cabelo encaracolado. Olhos grandes.
Boca de palhaço.*

Encontros Dignos de Nota

- 1. Sétimo ano: comeu as minhas bolachas Oreó sem pedir. Retirou-as da minha lancheira e afastou-se.*
- 2. Décimo ano: andou de mão-dada com a Kit L. (Não é um encontro comigo, mas não deixa de ser digno de nota.)*
- 3. Décimo primeiro ano: senta-se ao meu lado na aula de Física, porque os lugares foram atribuídos pelo professor logo no primeiro dia. Quando viu a distância a que se encontrava do Justin Cho, disse: «Oh, merda, a sério, Prof. Schmidt?», e foi repreendido. Não salientei que o lugar era bom em termos de acústica e vista para o quadro. A Miney disse que fiz bem em manter esta opinião só para mim.*

Amigos

A equipa de lacrosse, a equipa de ténis (que, como é óbvio, têm bastantes sobreposições devido aos horários sazonais). Melhor amigo do Justin Cho desde o segundo ano.

Notas adicionais: a Miney coloca-o na Lista de Pessoas em Quem Não Confiar.

Não olho para ele. Em vez disso, mantenho a cabeça baixa, concentrando-me em acompanhar as paragens e os avanços que têm lugar à minha frente.

— Iô, meu, depois do treino. No Pizza Palace — grita o Gabriel. Com base nos ténis e no contexto, tenho 99,9 por cento de certeza de que está a falar com o Justin. Não colocarei aqui a entrada do meu caderno de notas pertencente ao Justin, porque estou farto de ler e reler as minhas notas sobre o tipo e continuo a perguntar-me o que o leva a odiar-me assim tanto. É uma equação insolúvel. A nossa lista de Encontros Dignos de Nota tem cinco páginas. Ele é o presidente do Clube de Pessoas em Quem Não Confiar.

O Pizza Palace é o segundo melhor restaurante italiano de Mapleview, segundo a avaliação da Yelp. A maioria das pessoas prefere o Rocco's. Se o Gabriel me estivesse a convidar, e não está, sugeria que fôssemos ao Pizza Pizza Pizza, que, desde as duas da tarde até às cinco, vende duas fatias pelo preço de uma, e acredito que a ligeira diferença de qualidade é mais do que compensada pelo valor. Dito isto, compreendo que escolham o Pizza Palace, que não é nenhum palácio — apenas um pequeno espaço em Main Street —, porque, por mais barata que seja a comida no Pizza Pizza Pizza, parece redundante e cómico dizer o nome em voz alta.

É isso que estou a fazer, a imaginar que o Gabriel disse: «Iô, meu, depois do treino. No Pizza Pizza Pizza», e a pensar como teria sido ridículo, quando esbarro contra um grupo de raparigas que se congregou em volta de um cacifo. A Jessica, a Willow (que é a única Willow inscrita no nosso ano, que conta com 397 alunos na nossa escola composta por 1579 estudantes) e a Abby. A Miney classificou-as no meu caderno de apontamentos, em letras maiúsculas e sublinhadas com marcador: AS CABRAS POPULARES.

Quando utilizou essa designação pela primeira vez, a minha irmã teve de me explicar que não era um oxímoro, e que uma pessoa podia ser simultaneamente popular, o que presumi que significava ser apreciado por muita gente, e uma cabra, comportamento que supus que tivesse o efeito contrário. Pelos vistos, a popularidade no contexto do secundário possui uma correlação negativa com a apreciação das outras pessoas, mas uma elevada correlação com as pessoas que querem ser nossas amigas. Após cuidada reflexão, tudo começa a fazer sentido, embora, no meu caso, eu seja ao mesmo tempo um solitário e um excelente exemplo de que a correlação não implica causalidade. Sou simpático para toda a gente, mas sem qualquer vantagem: as pessoas não gostam de mim e não querem ser minhas amigas.

— Cuidado — grita a Jessica, e revira os olhos. Como se eu tivesse esbarrado contra ela de propósito. Os meus colegas de turma ainda não perceberam que o sentimento é mútuo? Não querem ter nada que ver comigo? Ótimo. Eu também não quero ter nada que ver com eles. A Miney garante-me que a universidade será melhor, embora eu duvide. — E que mania é essa de falares sozinho?

Eu estava a falar sozinho? É perfeitamente possível e um pouco irónico que todo o meu processo mental a propósito do restaurante Pizza Pizza Pizza e de como é ridículo dizer o nome em voz alta tenha, de facto, ocorrido... em voz alta. Às vezes, esqueço-me da barreira entre o interior da minha cabeça e o resto do mundo.

— Desculpa — murmuro de cabeça baixa, e apanho o livro que ela deixou cair, entregando-lho. Ela nem sequer agradece.

— Anormal — atira a Abby, e solta uma gargalhada, como se tivesse graça ou fosse original. Obrigo-me a olhá-la nos olhos, porque a Miney defende que o contacto visual me humaniza. Uma vez mais, não entendo porque preciso de ser humanizado, e o que leva toda a gente a supor que sou uma espécie de exceção à regra universalmente aceite de que somos todos seres humanos com sentimentos. Ainda assim, fito-a. Tal é o poder da Miney. — Estás a olhar porquê?

Por instantes, penso em perguntar à Abby, assim em voz alta: *O que foi que eu te fiz?* Esbarrei contra a Jessica. Não contra ela. Não temos Encontros Dignos de Nota, positivos ou negativos. Mas é então que a campainha toca, e o corredor torna-se ainda mais barulhento e caótico, e toda a gente se apressa para as suas salas, e eu tenho aula de Física. O que significa que agora tenho de passar os próximos 45 minutos sentado ao lado do Gabriel a tentar ignorar o facto de o tipo cheirar a desodorizante *Axe Anarchy para Homem*, bater com o lápis na mesa num ritmo irregular e tossicar a cada 35 segundos. A verdade é que, apesar da acústica e da excelente vista para o quadro, eu preferia estar sentado sozinho ao fundo da sala.

A Kit entra na sala dez minutos depois do início da palestra do Prof. Schmidt sobre a terceira lei de Newton, que eu anotei em latim para tornar mais interessante.

— Perdi a noção do tempo — explica a Kit, e vai sentar-se dois lugares atrás de mim e um à direita. Não é a melhor das desculpas, uma vez que a escola possui uma barulhenta campainha para alertar os alunos para o início das aulas. O Prof. Schmidt faz um aceno de cabeça, não grita e nem sequer lhe dá um primeiro aviso, como é seu costume. Certa vez tivemos de fazer uma visita de condolências ao nosso vizinho do lado, e a Miney explicou-me que se aplicam regras diferentes àqueles que acabaram de perder alguém. Pergunto-me quanto tempo isso dura, não a parte de estar morto, claro, mas a parte do tratamento especial. Faria o Prof. Schmidt as mesmas concessões se fosse o meu pai a morrer?

É provável que não. O meu pai faz investigação médica para os Laboratórios Abbot. Duvido que esteja incluído na Lista de Pessoas Simpáticas de muita gente, principalmente porque não é o tipo de pessoa que entre em listas, para além daquelas ligadas à ciência. Por outro lado, se a minha mãe morresse, as pessoas dar-se-iam conta. Nesse aspeto, ela e a Miney são parecidas: toda a gente gosta delas. A minha mãe conversa com todas as mulheres na fila do

supermercado ou na farmácia. Sabe o nome de todos os miúdos da minha turma e dos seus pais, e às vezes até acrescenta informação ao meu caderno de apontamentos. Foi ela quem me disse que o Justin e a Jessica namoravam — viu-os a curtir no centro comercial — e, mais tarde, que o namoro chegara ao fim. Ficou a par do sucedido enquanto arranjava as unhas, uma vez que ela e a mãe da Jessica têm a mesma manicura.

A Miney é tudo o que eu não sou. O ano passado ganhou vários superlativos atribuídos aos alunos veteranos: Mais Popular, Mais Atraente, Com Mais Probabilidade de Ter Sucesso. Não prevejo ganhar nenhum desses prémios. Embora eu e a Miney tenhamos uma coisa em comum: a minha irmã é também um exemplo de que a correlação não implica causalidade. Ela é popular, mas não é uma cabra. Infelizmente, ela também me levou a questionar todo o campo da genética, uma vez que partilhamos 50 por cento do nosso ADN.

Os meus pais estão casados há 22 anos e continuam apaixonados um pelo outro. Esse facto é estatisticamente notável.

A minha mãe diz: «Os opostos atraem-se.»

O meu pai diz: «Tive uma sorte dos diabos.»

A Miney diz: «A mãe é uma excêntrica no armário, e o pai é um homem normal no armário, e é por isso que o casamento deles resulta.»

Nunca pensei muito no casamento deles, mas agrada-me que os meus pais ainda estejam juntos. Não ia gostar de ter de fazer a mala todos os fins de semana e dormir num apartamento estranho e ter de lavar os dentes num lavatório diferente. A minha mãe afirma que eu e o meu pai somos muito parecidos, o que me deixa otimista. Se ele conseguiu que uma pessoa como a minha mãe se apaixonasse por ele — uma pessoa que é fantástica e universalmente apreciada —, e não apenas gostar dele como também passar o resto da vida com ele, então talvez também haja esperança para mim.

A meio da aula, o Prof. Schmidt começa a escrever equações no quadro, e a Kit levanta-se e sai da sala. Sem dar a menor explicação. Sem pedir um passe para ir à casa de banho. Sem pedir licença. Limita-se a sair porta fora.

Assim que a porta se fecha, os sussurros começam.

Justin: Aquilo é que foi atrevimento.

Annie: Ela, tipo, precisa de falar connosco. Está a deixar-nos de fora.

Violet: O pai dela MORREU, Annie. Tipo, morto para sempre. Devias ser um pouco mais compreensiva.

Gabriel: Tenho fome.

Annie: Tenho uma barrita energética.

Gabriel: Acabaste de me salvar a vida.

É assim que as coisas se passam. A conversa rodopia à minha volta e as palavras parecem não estar relacionadas; é como jogar *flippers* com os olhos tapados. O que tem a morte do pai da Kit que ver com o facto de o Gabriel ter fome?

— Senhoras e senhores, continuando — diz o Prof. Schmidt, e depois bate palmas três vezes — *clap, clap, clap* — por nenhuma razão aparente. Antes mesmo de me conseguir conter, ponho a mão no ar. — Diga, Sr. Drucker.

— Posso levantar-me? — inquirio.

— Levantar? Isto é uma sala de aula, não é a mesa do jantar. Voltemos ao trabalho.

— Precisava de ir à enfermaria. Dói-me a cabeça — explico, embora seja mentira. A Miney ficaria orgulhosa. Ela diz que preciso de praticar não dizer a verdade. Que mentir se torna mais fácil quanto mais o fizermos. Ocorre-me que posso gemer, como se estivesse cheio de dores, mas decido que é um exagero.

— Muito bem. Vá lá — autoriza o Prof. Schmidt, e com isso levanto-me e saio da sala, tal como a Kit momentos antes. Não é

que vá perder alguma coisa. Li o manual o verão passado. As poucas dúvidas que me suscitou ficaram resolvidas após umas buscas no *Google* e uma aula online grátis da Universidade de Stanford.

Assim que chego ao silencioso corredor, o meu cérebro entra em sintonia com o corpo e percebo o que faço aqui. Embora a aula do Prof. Schmidt seja entediante e uma perda de tempo, costumo obedecer às instruções. Compareço a todas as aulas e mantenho a boca calada. A menos que deseje fazer os exames para conseguir saltar o secundário, não tenho outra opção.

Aquilo que percebo: quero encontrar a Kit. Preciso de saber para onde ela foi.

Estugo o passo pelo corredor e decido sair pela porta da frente, ignorando a Señora Rubenstein, a professora de Espanhol, que me chama no seu cerrado sotaque de Nova Jérсия: «*A dónde va, Señor Drucker?*»

Perscruto o parque de estacionamento à minha direita, que fica a cerca de 200 metros para nordeste da entrada da escola. Nem rasto da Kit. Contudo, o seu *Corolla* vermelho, estacionado como sempre na segunda fila, depois de outros seis carros, no espaço com o número 43 do Parque dos Finalistas, ainda ali se encontra.

Contorno a escola em direção ao campo de futebol americano, que possui bancadas altas e uma excelente vista sobre Mapleview. Talvez lá esteja sentada a apanhar um pouco de ar fresco. Não gosto de eventos desportivos — são demasiado ruidosos e concorridos —, mas sempre apreciei bancadas, estruturas ordenadas verticalmente do mais alto ao mais baixo.

— Foi o Sr. Schmidt que te enviou? — pergunta a Kit. Ela não está nas bancadas, mas na barraca concessionada. É aqui que os miúdos da associação de estudantes vendem cachorros-quentes, bebidas e doces durante os jogos; tudo a preços inflacionados. As luzes estão apagadas, e ela encontra-se sentada no chão imundo com os joelhos encostados ao peito. Se não tivesse falado, não sei se teria dado pela sua presença.

— Não. Menti e disse que tinha uma dor de cabeça — respondo, e obrigo-me a olhar para ela. É mais fácil, uma vez que está escuro. O rosto da Kit está vermelho do frio. Tem os olhos verdes. Foram sempre verdes, evidentemente, mas hoje parecem mais verdes. É a minha nova definição de verde. O verde costumava ser igual ao Sapo Cocas. E às vezes à primavera.

Mas já não. Agora os olhos da Kit são sinónimo de verde. Uma ligação inextricável. Tal como quando penso no número três, e vejo também a letra R. Não tenho explicação para isso.

— Não estava a tentar lançar a moda de faltar às aulas — argumenta a Kit, e eu sorrio, porque, ainda que não seja uma piada, não deixa de ter graça.

— Para o caso de não teres dado conta, não sou de seguir modas — explico, apontando para as minhas calças, largueironas e cor de caqui e, segundo a minha irmã, «um crime contra a moda». Há anos que ela implora que vá com elas às compras, afirma que ficarei com muito melhor aspeto se me esforçar um bocadinho. Mas não gosto de ir às compras. Na verdade, não é o ir às compras que não aprecio, é mais o não gostar das roupas novas. A sensação do tecido estranho contra a pele.

A Kit olha para mim, e depois por cima do meu ombro para a escola logo atrás.

— Então andas a seguir-me? A enfermaria não é aqui — declara. Não consigo avaliar o seu tom de voz. Não percebo se está irritada. A voz parece áspera e o rosto não condiz com nenhuma das expressões dos cartões que a Miney me imprimiu certa vez.

— Queria apenas certificar-me de que estavas bem. — Ponho as mãos no ar, num gesto de quem não pretende fazer mal a ninguém, como fazem nas séries policiais.

— Ficaram todos a falar de mim quando eu saí, não é verdade? Não era minha intenção fazer uma cena. Apenas não conseguia ficar ali sentada — esclarece.

— Obviamente — digo. — Quero dizer, que não conseguias ficar lá sentada. Não que tenhas feito uma cena. — Agora que me encontro aqui, a conversar com a Kit, pela segunda vez no mesmo dia, quando nunca falámos muito, exceto nos nossos escassos Encontros Dignos de Nota, dou-me conta de como estou fora do programa. Nada disto fazia parte do meu plano para este dia.

Eu a segui-la até à rua.

Eu a eleger-me como aquele que vai verificar o seu estado.

Eu subitamente a redefinir a cor verde.

A AMIZADE CONSEGUE SUPERAR TODAS AS DIFERENÇAS...

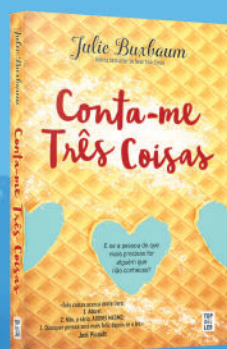
Kit é a rapariga mais gira da escola. David é um rapaz solitário, incapaz de interagir com os colegas. Ele sabe que é pouco provável que Kit alguma vez repare nele.

Até ao dia em que Kit, cansada das conversas fúteis das amigas, decide almoçar na mesa de David. A química é imediata e os dois passam a partilhar o tempo das refeições. Fruto desta nova e inesperada amizade, David começa a aprender a relacionar-se com os outros, e Kit, ainda a recuperar da trágica e recente morte do pai, encontra o ombro de que precisava.

Kit só conseguirá reaprender a viver se descobrir a causa do acidente do pai e, sabendo disso, David decide ajudá-la. Mas nenhum dos dois está preparado para o mistério que estão prestes a desvendar, e é aí que a sua amizade é posta à prova.

... SERÁ ELA CAPAZ DE
SOBREVIVER À VERDADE?

Leia
também:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-90-6



9 789898 869906

Literatura Traduzida